

Arte Comentada 2

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Jeanine Mafra Migliorini

(Organizadora)

Arte Comentada 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A786 Arte comentada 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arte Comentada; v.2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-056-8

DOI 10.22533/at.ed.568191801

1. Arte – Crítica e interpretação. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine Mafra. II. Série.

CDD 707

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Pode a arte ser útil e bela? Deve ter função prática? Precisa ser questionadora? Moda é arte? Qual o limite para dizer o que é ou não arte?

Perguntas com muitas respostas, e que levam à outras tantas perguntas, e dessa maneira discutimos, colocamos à prova, testamos e abrimos novos caminhos para se falar e se produzir arte.

Para Platão existem três princípios intimamente ligados: o belo, o bem e a verdade. Ancorados nesta tríade encontramos a inteligibilidade e a autenticidade da arte. Elas se complementam, são indissociáveis, e compreender esta base nos oferece respostas às questões propostas. Uma vez resolvidas essas indagações podemos nos aprofundar nas discussões sobre o fazer artístico.

Aporta-se nessa tríade a moda: entre as linguagens do fazer artístico surge o que separa a produção de vestuário do que é produzido como arte, o livro apresenta debates deste fazer.

O modernismo aparece nas narrativas plásticas que trouxeram à arte, a literatura nos apresenta uma discussão sobre o simbolismo artístico, bem como as memórias culturais dos escritores.

A educação não pode se afastar do debate, afinal na escola, tão pragmática como as nossas, a arte é como um respiro e um alento, uma maneira de perceber a realidade mais humanamente, além de apresentar novas leituras de mundo. Isso pode ocorrer através da cultura popular, da capoeira, da música, da cor ou da literatura. Indiferente da forma como se apresenta uma questão é primordial, não há educação de qualidade que não envolva a arte e suas mais abrangentes formas de expressão.

Tão importante quanto os textos de discussão é a reflexão que ele causa em cada um dos leitores, que passam a ter responsabilidade sobre este conhecimento e a sua propagação. Assim deve ser, se quisermos uma sociedade consciente e crítica e de seu papel: não de espectador, mas sim de protagonista da história, implicando nisso que se assuma a responsabilidade diante da mudança ou da permanência que tanto almeja-se.

Boa leitura e boas ações!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	7
SAPATÓRIAS: DESENVOLVIMENTO DE SAPATOS DE CERÂMICA	
Carolina Haidée Bail Afonso Rosenmann Bianca Marina Giordani Gabriel Chemin Rosenmann Jusmeri Medeiros Marizete Basso do Nascimento Ana Lúcia Santos Verdasca Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.5681918011	
CAPÍTULO 2	14
ROUPAS TECNOLÓGICAS E PROPOSIÇÕES ARTÍSTICAS	
Adriana Gomes de Oliveira:	
DOI 10.22533/at.ed.5681918012	
CAPÍTULO 3	31
AMÉRICA LATINA, CUBISMO E CIDADES EM NARRATIVAS PLÁSTICAS MODERNISTAS	
Sandra Makowiecky	
DOI 10.22533/at.ed.5681918013	
CAPÍTULO 4	45
A GATA DE JADE EM <i>REQUIEM</i> PARA O NAVEGADOR SOLITÁRIO (2007), DO TIMORENSE LUÍS CARDOSO	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.5681918014	
CAPÍTULO 5	56
PAULISTINHAS – ARTE E CULTURA POPULAR NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO/NO INTERIOR DE SÃO PAULO	
Roseli Aparecida Silva Geraldo Magela dos Santos Magela Borbagatto	
DOI 10.22533/at.ed.5681918015	
CAPÍTULO 6	65
A COR COMO ARTEFATO CULTURAL NO PROCESSO EDUCATIVO	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.5681918016	
CAPÍTULO 7	79
SENTIDOS E SIGNIFICAÇÕES DA ARTE NO CURSO DE PEDAGOGIA	
Veronica Devens Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5681918017	
CAPÍTULO 8	89
UMA PÁGINA EM BRANCO: ENSINO DE LITERATURA E ARTES NUMA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL	
Débora Cristina Santos e Silva Leda Maria de Barros Guimarães	

Caroline Francielle Alves

DOI 10.22533/at.ed.5681918018

CAPÍTULO 9 104

CORPO, MÚSICA E IMAGEM NO JOGO DA CAPOEIRA ANGOLA

Judivânia Maria Nunes Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.5681918019

CAPÍTULO 10 114

ENRIQUECER OS TEMPOS LIVRES: O CLUBE DE PLÁSTICA DA ESCOLA BÁSICA DE 2º E 3º CICLO PAULA VICENTE, EM BELÉM

Ana Vieira Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.56819180110

CAPÍTULO 11 124

PENSAR POR IMAGENS NA FORMAÇÃO CONTINUADA EM PEDAGOGIA: POSSIBILIDADES COM PROFESSORES QUE ENSINAM ARTE

Angélica D'Avila Tasquetto

DOI 10.22533/at.ed.56819180111

CAPÍTULO 12 135

LEITURAS DAS IMAGENS TÉCNICAS VISUAIS DE UM “INDOMÁVEL CUBO GIGANTE”

Maria Filomena Gonçalves Gouvêa

DOI 10.22533/at.ed.56819180112

SOBRE A ORGANIZADORA..... 152

CORPO, MÚSICA E IMAGEM NO JOGO DA CAPOEIRA ANGOLA

Judivânia Maria Nunes Rodrigues

Departamento de Artes da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Rio de Janeiro - RJ

RESUMO: A oficina de Capoeira Angola e Fotografia, oferecida para crianças e adolescentes do Centro Educacional Marista Lúcia Mayvorne na comunidade do Monte Serrat, é uma ação de arte educação que tem intenção de dialogar com a cultura local para gerar processos artísticos e educativos. A Comunidade, localizada em Florianópolis-SC, é fruto do processo de expulsão de escravos libertos do centro da cidade, no período de higienização nos anos de 1920. Esse histórico é observado a partir das manifestações culturais neste território, como a fundação de uma das escolas de samba mais antigas da cidade, a Copa Lord, os terreiros de candomblé, assim como por meio do trabalho de artistas locais que dialogam com esse legado africano. Nesta perspectiva, apresento aqui uma das ações realizadas na Oficina de Capoeira Angola para celebrar um artista local, seu Gentil do Orocongo.

PALAVRAS-CHAVE: Arte educação; Cultura; Capoeira Angola e Fotografia.

ABSTRACT: The Capoeira Angola and

Photography workshop, offered for children and adolescents of Centro Educacional Marista Lúcia Mayvorne in the community of Monte Serrat, is an art education action that intends to dialogue with the local culture to generate artistic and educational processes. The community, located in Florianópolis-SC, is the result of the expulsion process of freed slaves from the downtown, during the period of sanitation in the 1920s. This history is observed from the cultural manifestations in this territory, such as the foundation of one of the schools of samba of the city, Copa Lord, candomblé terreiros, as well as through the work of local artists who dialogue with this African legacy. In this perspective, I present here one of the actions carried out at the Capoeira Angola Workshop to celebrate a local artist, Seu Gentil do Orocongo.

KEYWORDS: Art education; Culture; Capoeira Angola and Photography.

1 | INTRODUÇÃO

A comunidade do Monte Serrat, localizada na Região do Maciço do Morro da Cruz em Florianópolis-SC, é fruto do processo de higienização, o qual expulsou do centro da cidade os escravos libertos nos anos de 1920, com o pretexto de modernizar e limpar a região. Pela proximidade entre o centro da cidade e

o Morro da Caixa, como assim é chamado pela maioria da população local, esses escravos libertos ocuparam a área e criaram a respectiva comunidade, que tem nas suas manifestações artísticas e culturais a riqueza do legado africano, como a Escola de samba Copa Lord, uma das mais antigas da cidade, terreiros de candomblé e outras festas locais como a Festa de nossa Senhora do Monte Serrat, que é comemorada no mês de setembro, celebrando também a memória dos descendentes africanos que trouxeram a imagem da santa para a igreja local. Hoje, essa área da cidade é empobrecida, onde o tráfico de drogas e a violência estão presentes no cotidiano de crianças e adolescentes que ali residem.

É neste contexto que investigo possibilidades de aprendizagem por meio da arte que dialoguem com um cotidiano marcado por uma situação de vulnerabilidade social e ao mesmo tempo com a riqueza cultural existente. A música e a dança são elementos de presença neste cotidiano. Por meio desta observação criei um formato de oficina, desde março de 2014, no período integral da Escola local, Centro Educacional Marista Lúcia Mayvorne, para crianças e adolescentes que frequentam o ensino fundamental I, baseada na linguagem da Capoeira Angola e da Fotografia.

A Capoeira como manifestação cultural que dialoga com o contexto e com a musicalidade e a expressividade corporal que os educandos apresentam. A partir dessa prática, investigo caminhos de criação artística que possibilitem aos educandos mostrarem seus talentos, suas inteligências musicais e corporais, valorizando a cultural local e aprendendo com a experiência. Como nos expõe (BONDÍA, 2001), a experiência como algo que nos toca, ao invés apenas do bombardeio de informações que nos passa todos os dias nos diversos processos educativos, sem, na maioria das vezes, nos fazer sentido. Neste processo, a fotografia se apresenta como possibilidade de ver a si mesmo e ao outro. A fotografia como possibilidade de tornar visível o invisível que faz parte do jogo da Capoeira Angola, que presa pelo jogar com o outro e nunca contra o outro. Tornar visível esse espaço de respeito pelo outro que faz parte da filosofia do jogo a partir dos ensinamentos do Mestre Pastinha (1889-1991), um dos principais mestres de Capoeira Angola da história.

A Capoeira Angola apresenta, além do expressivo diálogo corporal entre os jogadores, a musicalidade. O berimbau, instrumento símbolo da capoeira, permitiu desenvolver uma experiência com os educandos utilizando o histórico de um dos artistas locais, Seo Gentil do Orocongo, que tocou durante muitos anos de sua vida, um instrumento de origem africana, o Orocongo. Seo Gentil foi um dos poucos tocadores de orocongo do Brasil. Um instrumento muito antigo, segundo alguns autores, um precursor do berimbau. Os educandos puderam, por meio de uma oficina com estudantes do curso de Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, fabricar orocongos, explorar os sons produzidos por esse instrumento, numa atividade que nomeie como “Celebrando o Mestre Gentil”. Nesta atividade, a fotografia nos permitiu contar a experiência, colocar a dimensão do acontecido como presença educativa no campo da arte. Este processo criativo é parte da pesquisa de doutorado

que desenvolvo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que pretende investigar processos significativos de aprendizagem em arte, em contextos de vulnerabilidade social, a partir da cultura local.

2 | CORPO E IMAGEM NO JOGO DA CAPOEIRA ANGOLA

O contexto de violência que faz parte do cotidiano dos educandos, onde a agressão física é algo muito frequente, foi o mote para que a oficina de Capoeira Angola e Fotografia apresentasse o corpo como foco nesse processo de arte e educação. Dessa forma, as atividades relacionadas à movimentação da capoeira tiveram ênfase na afirmação constante da educadora de que o jogo tem que ser sempre com o outro e nunca contra o outro. Para além da intenção de trabalhar o respeito pelo espaço corpóreo do outro, a oficina também busca atuar na perspectiva de proporcionar um exercício de concentração por parte dos educandos, pois na escola os professores apontam a dificuldade de concentração como um dos maiores obstáculos nos processos de aprendizagens.

Nesse sentido, através da prática corporal procura-se vivenciar com os alunos as movimentações próprias da Capoeira Angola, valorizando sempre o jogar com o outro e não contra o outro. O importante é a troca, o respeito, a complementação, a harmonia, e não a competição e o enfrentamento. A partir de atividades lúdicas e trabalhos em grupo, evidenciar a importância da coletividade, do respeito mútuo e do empenho de cada um para a formação de um todo harmonioso. Com a música, elemento muito intenso nesta oficina, busca-se trabalhar a sensibilidade dos alunos, bem como os elementos de repetição e concentração presentes no ritmo, auxiliando no processo de aprendizagem. Com os instrumentos musicais e as cantigas da Capoeira Angola, procura-se despertar o interesse pelo fazer musical e criativo. As cantigas também contam muito sobre a história da capoeira e a influência cultural trazida pelos africanos.

Outro ponto importante neste processo é o aprendizado dos fundamentos da Capoeira Angola e o contato com a história e o universo cultural africano e afro-brasileiro como forma de valorização e o reconhecimento da identidade das crianças e adolescentes afro-brasileiras, ajudando na compreensão do Brasil como um país pluriétnico, multicultural; para a luta contra o preconceito racial; e para o fortalecimento da Educação das Relações Étnico-Raciais, prevista pela Lei 10.639 de 2003. Seguindo esse pensamento,

Enquanto, nas nossas escolas, ficarmos produzindo pensamentos deslocados da existência, insistirmos na tarefa de dar instrução, informar, num movimento que vai sempre de fora para dentro, dando conta apenas de trabalhar conteúdos que não têm qualquer sentido para as pessoas envolvidas no processo educativo, com vistas apenas ao “crescimento cognitivo”. Estaremos privando o ser humano de Ser, negando-lhe o seu desenvolvimento integral. Estaremos dessa forma, contribuindo para o seu adoecimento, uma vez que a pessoa não crescerá de forma integral.

Vislumbrando essa conexão com a existência, as oficinas proporcionam através da música e do movimento corporal, valorizar os saberes dos educandos, que podem através dessas atividades, mostrar suas habilidades. Essas atividades fazem também um contraponto com as aulas que envolvem mais a cultura letrada, desenvolvida no espaço escolar, as quais os educandos apresentam bastante dificuldade e resistência, devido ao contexto familiar no qual estão inseridos, onde os pais na maioria das vezes, não conseguem apoiá-los em relação ao aprendizado dessa cultura letrada. Pois bem sabemos, que a escola sozinha não é responsável por esse processo de apropriação da cultura letrada, mas é uma parceira da educação desenvolvida no âmbito familiar, assim como na comunidade.

Seguindo este pensamento, as atividades contribuem para que seja possível reconhecer outras inteligências, a cinestésica-corporal e musical (GARDNER, 1993). Segundo esse autor, existem oito inteligências a serem desenvolvidas: Lógico Matemática, Linguística, Cinestésica-corporal, Espacial, Musical, Intrapessoal, Interrelacional e Naturalista ecológica, com dimensão espiritual. D'Amorim (2002) enfatiza que as instituições de ensino e a própria sociedade só reconhece e valorizam dois desses tipos, que são a inteligência Lógico-Matemática e a inteligência Linguística. As artes, com suas especificidades, tem um papel fundamental nos espaços educativos no que diz respeito ao desenvolvimento dessas inteligências, com a possibilidade de perpassar por todas elas.

No processo de arte e educação em questão, procura-se estimular à expressão visual através da fotografia, acrescentando mais um elemento artístico nesta atividade educativa. A fotografia como possibilidade de ver a si mesmo e ao outro no jogo da Capoeira, ressaltando a beleza plástica dos movimentos, na tentativa de construir e desconstruir o jogo da Capoeira, muitas vezes estereotipado.



Foto 1 – autor: William, aluno do 5º ano Foto 2 – Photoscape, autor: Alisson, aluno do 5º ano

Segundo Rouillè (2012), a fotografia abre a possibilidade de construção de mundo, mundos imaginados e desejados. A capoeira como construção de um jogo que preze pelo respeito pelo outro e não mais pela luta contra o outro, como outrora na

história foi enfatizada pela necessidade de defesa frente ao processo de escravidão imposto aos africanos no Brasil. Construir a imagem de um jogo onde seja possível se colocar no lugar do outro, para respeitar esse outro, aproveitar a companhia do outro, se aproximar desse outro.

Fotografar e dialogar convergem, aqui, para a pesquisa hesitante, sempre singular, da distância conveniente com o Outro. Construir uma proximidade e uma troca, além das diferenças e a partir delas; enriquecer-se das disparidades; adaptar seus métodos e seus ritmos aos do Outro, são esses os principais elementos de uma fotografia dialógica (ROUILLÉ, 2009, P.243)

Que dialoga com o jogo da Capoeira Angola, onde o corpo é o elemento de troca relacional no processo de arte educação. O corpo que aprende e que ensina ao mesmo tempo, que aguça todos os sentidos, no intuito de suscitar uma pedagogia que tenha o corpo como campo educativo e de criação. “É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo coisas” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.250). Neste sentido, aguçar os sentidos do corpo para provocar formas de diálogo e expressão criativa, por meio de diferentes linguagens.

3 | CELEBRANDO O MESTRE GENTIL DO OROCONGO

No primeiro semestre de 2015, desenvolvi com os educandos o Projeto “Celebrando o Mestre Gentil do Orocongo”. A experiência buscou a linha de atuação que tenho observado fazer sentido para os educandos, ou seja, partir do contexto local para que eles se sintam parte do processo educativo, para que aprender possa significar algo real, algo que seja possível fazer relações com as vivências cotidianas e nesse processo conseguir ampliações de repertórios educativos em diferentes âmbitos.

O processo tem sido construído numa direção que dialoga com a proposta de arte educação baseada na comunidade, bastante disseminada nos Estados Unidos, que envolve uma parceria entre arte educadores, artistas e comunidade. Valoriza a cultura local, entendendo que

Valorizar as ligações intrínsecas entre arte e vida cotidiana constitui a base de uma arte/educação democrática, porque envolve o reconhecimento de várias práticas artísticas sem distinguir entre o erudito e o popular. (...) o conhecimento, a interpretação e valorização da arte produzida localmente podem vir a ser um catalisador para a participação crítica não só na comunidade local, mas também na sociedade maior. (BASTOS, 2005, p.228)

Como já foi abordada anteriormente, a comunidade do Monte Serrat tem uma forte ligação com o carnaval, com o samba e conseqüentemente com o ritmo e a música. Nesta perspectiva, pesquisei sobre um artista local, já falecido, Seu Gentil do Orocongo, que foi um dos poucos músicos no Brasil que se dedicou a fabricação e ao toque desse instrumento chamado Orocongo. Um instrumento rudimentar de origem africana, com uma corda só, que chegou a Florianópolis no período colonial.

Sua caixa acústica é feita com cabaça e o arco de madeira tem formato de violino com vários fios esticados de rabo ou crina de cavalo, e para dar mais qualidade ao som, o tocador aplica breu nos fios. Esse instrumento é utilizado em diversos gêneros musicais, principalmente em músicas de roda de estilo Afro. Seu som assemelha-se ao choro humano.

Seu Gentil do Orocongo, como era conhecido na comunidade e na cidade de Florianópolis, tocou esse instrumento desde muito jovem até o seu falecimento, em novembro de 2009. Estava sempre com o seu instrumento, pelo qual todos diziam que era apaixonado. Tocava o instrumento na Praça XV, no centro de Florianópolis, quase todos os dias. Homem simples, sem muita escolaridade, nunca teve sua arte valorizada, somente na década de 80, Seu Gentil foi “descoberto” pelo irmão do artista plástico local Max Moura, que participava do grupo Pandorga, de outro artista plástico local, Valdir Agostinho. Em 1998, Gentil Camilo Nascimento Filho, participa, aos 58 anos, do espetáculo “Orocongo, Rabeca e Violino” organizado pelo artista Antônio Nóbrega, em São Paulo no SESC Ipiranga. Na ocasião seu Gentil diz que “É uma satisfação a gente persistir por 40 anos num instrumento meio esquecido e de repente ser reconhecido”.

Em março de 2015, a Fundação Catarinense de Cultura lança o livro Um Griot e dois Orikis, O Rei do Orocongo e O Xirê de Pedro Leite, o Pedro do Cacumbi. São dois exemplares e um deles sobre o Seu Gentil do Orocongo. Na fundação cultural me disponibilizaram alguns exemplares para que eu pudesse compartilhar com os educandos e também disponibilizar na biblioteca do Centro Educacional Marista Lúcia Mayvorne. No conto encontramos a seguinte passagem:

-Vó, e quem tocava orocongo nas festas?

- Nessas festas meu lindo erê, ainda não existiam orocongos. O pessoal tocava o que a gente pode chamar de avô do orocongo, o bisavô do berimbau. Um instrumento que era feito na terra. Eles cavavam um buraco, colocavam dois pedaços de madeira em cada ponta do buraco e esticavam o arame de uma ponta a outra. Pegavam uma vareta de madeira e ficavam batendo em cima do arame marcando o ritmo. O buraco funcionava como uma caixa de som e amplificava a vibração do arame. (Santos, 2014, p.21)

A qual, foi o elo de ligação que utilizei para fazer a conexão com a oficina de Capoeira Angola, pois o berimbau, símbolo hoje da capoeira, é um instrumento muito apreciado pelos educandos. Segundo o conto, o berimbau é um instrumento “parente” do orocongo. Essa relação fez muito sentido para os educandos, que ficaram curiosos para saber quem foi o Seu Gentil do Orocongo. Alguns educandos me trouxeram retorno de casa sobre quem foi o artista da comunidade, e outros nunca tinham ouvido falar sobre ele. Para que os educandos pudessem ter uma vivência, onde construíssem o instrumento orocongo, fiz contato com o professor do departamento de Artes Visuais da Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC, falecido no mês de junho do vigente ano, Doutor José Luiz Kinceler, o qual tinha convivido com

Seu Gentil e participado com seus alunos de oficinas onde o mesmo ensinou a fabricar e tocar o instrumento. O professor realizou algumas performances na cidade, onde várias pessoas colocavam máscaras do rosto do Seu Gentil do Orocongo e tocavam o instrumento e cantavam. Ele dizia que era uma espécie de celebração ao artista.

Dois alunos do professor José Luiz Kinceler, Helton Patricio Matias e Paulo Andrés de Matos, realizaram a oficina com as crianças em abril do presente ano, a qual fluiu como uma atividade extremamente prazerosa, onde observei o que se pode chamar de “ancestralidade local”. Uma memória do não vivido, mas do sentido deixado (PRIORE, VENÂNCIO, 2004). As máscaras e aquele instrumento rude, mas também sofisticado como um violino, encantou os educandos, que puderam fazer parte da confecção e da celebração em torno da arte e da figura do Mestre Gentil do Orocongo, como era chamado por alguns moradores na comunidade. A fotografia nessa atividade foi utilizada como forma de dar visibilidade aquele momento de festa, de aprendizado, de alegria e de emoção. A fotografia como forma de contar a experiência, de colocar a dimensão do acontecido como presença educativa no campo da arte.



Fotos 3 e 4: Judivânia Rodrigues. Oficina de Orocongo, Monte Serrat, abril de 2015.

Poucos dias antes da realização da oficina, descobri o que eu poderia chamar de “uma feliz coincidência”. A nova cozinheira da escola, a Dona Vera, era a viúva do Seu Gentil do Orocongo. Uma pessoa encantadora pelo seu sorriso e bom humor. Quando contei sobre a oficina que estava planejando, Dona Vera se mostrou muito lisonjeada e trouxe para apresentar para as crianças materiais como o cd do Seu Gentil, o programa impresso do show dele no SESC e o último Orocongo que ele usava. Durante a oficina, Dona Vera falou e respondeu questões dos alunos sobre Seu Gentil e os educandos resolveram fazer um vídeo entrevistando Dona Vera.

Os educandos se envolveram de forma muito intensa com a atividade, despertando o senso musical e de ritmo, os quais dominam bem. Durante a atividade, um dos educadores, nascido no morro, que conheceu Seu Gentil na comunidade, disse ficar muito emocionado no decorrer da oficina e criou uma pequena composição musical, a qual foi acolhida e cantada com muita empolgação pelos educandos. A atividade resultou em rodas de música, como assim chamamos, onde os educandos misturavam diferentes instrumentos da capoeira com outros instrumentos de percussão e o orocongo.



Foto 5: Judivânia Rodrigues. Rodas de música. Abril de 2015.

Foi um processo de criação musical interessante, onde eles misturavam ritmos e cantavam músicas que conheciam. A atividade me possibilitou buscar quais as músicas que eles cantavam e gostavam e discutir com eles sobre as mesmas. Os educandos me trouxeram uma situação de vulnerabilidade muito forte, onde sabiam muitas músicas, com a batida do funk, como eles costumam dizer, mas com letras extremamente pornográficas, onde muitos deles nem sequer tinham a real noção do que estavam cantando, e outros que tinham noção do que estavam cantando, mostravam a precocidade sexual, a qual faz parte do contexto. Outra forma de violência que acarreta inúmeros problemas para o desenvolvimento dos mesmos.

A partir destas atividades foi possível dialogar com os educandos na faixa etária entre 10 e 12 anos, sobre a riqueza musical da comunidade e como eles gostariam de ser vistos a partir do seu repertório musical, esclarecendo que o funk é um ritmo muito bom e que tem uma história forte, de luta também, mas que as letras que eles cantavam não conseguiam traduzir essa riqueza do funk e nem passar a beleza musical que existe na comunidade e suas histórias, assim como fazem os enredos das escolas de samba em geral, e da Escola de samba local a Copa Lord, que eles gostam muito. Os educandos me deram uma resposta musical muito bonita, uma das educandas me trouxe escrito, letras de várias músicas que ela escuta no terreiro do

candomblé onde frequenta com a sua mãe. Com essa educanda foi possível inclusive trabalhar o português através das letras das músicas, onde eu estabeleci com ela um processo de fazer correções de ortografia e ela reescrevia as letras.

Ao final do processo, o grupo decidiu apresentar três músicas no conselho de classe, onde eu iria relatar as atividades realizadas durante o trimestre. A primeira foi à composição criada pelo Educador, morador da comunidade, Rafael Nunes, em homenagem ao Seu Gentil. A segunda música, “não deixe o samba morrer”, de composição de Edson Conceição e Aloísio Silva, gravada pela cantora Alcione, os educandos contaram que era uma homenagem a Comunidade do Monte Serrat, e a última, foi uma sugestão da educadora, mas que os educandos acataram e buscaram a letra na internet, Mamãe Oxum, do cantor e compositor Zeca Baleiro, ensaiaram e cantaram com dedicação.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dialogar com a cultura do território da Comunidade do Mont Serrat é a proposta de criação e construção de um processo de arte e educação que tem o corpo como elemento a ser trabalhado para sensibilização dos seus sentidos, para gerar processos de troca social, afetiva, cultural e criação artística. A experiência, como já foi dito anteriormente, faz parte da pesquisa em andamento na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, no departamento de Artes, onde coloco em foco a representação dessa experiência por meio da linguagem fotográfica, a partir do olhar da educadora e dos educandos, tendo como fio condutor deste processo de arte educação, o jogo da Capoeira Angola.

Neste processo, o corpo atua como meio de aprendizagem através da observação, ação e interação social, corporal e musical presentes na prática da Capoeira Angola. A partir desta perspectiva, procuro o máximo possível de diálogo com a cultura local para construção de repertório artístico, cultural e educativo, que venha fazer sentido para educandos dessa comunidade. Celebrar seu Gentil do Orocongo estabeleceu a aproximação entre arte e vida, estimulando a percepção da arte no nosso cotidiano e as diferentes formas de se produzir arte, valorizando o contexto local e as manifestações culturais e artísticas existentes no território.

A fotografia possibilita a expressão e criação visual do processo, onde procedimentos técnicos, artísticos e teóricos estão sendo pensados a partir desse fazer fotográfico, para estabelecer o diálogo entre Capoeira Angola e Fotografia. Constituindo uma dinâmica de construção do jogo da Capoeira, assim como da produção fotográfica, sob um olhar pedagógico e artístico que permite a ação e reflexão sobre arte, linguagens, cultura e educação, em um contexto de vulnerabilidade social, no intuito de produzir conhecimento sobre a tarefa de educar e produzir arte em diversas realidades sociais, econômicas, históricas e culturais.

Neste sentido, traz a questão de que a arte e a educação precisam estar

carregadas de sentido e relações de afeto. “Por outras palavras, a percepção do mundo opera-se essencialmente por meios afetivos, no sentido em que a cognição se faz, sobretudo, através dos afectos e do seu contágio” (GIL, 2004, p.10). O desenvolvimento do processo apresenta que os educandos em questão, por estarem vulneráveis a relações de violência, precisam, como premissa educativa, de relações harmônicas, prazerosas, de valorização do ser e de afeto, para que outros valores e possibilidades de relações possam ser colocados nas suas vidas, e conseqüentemente, nos seus horizontes de construção de saber e de processos educativos, pois a educação e a arte não são meramente transmissões de saberes, mas construções, que necessitam significar para tornar o processo prazeroso, educativo, político e poético.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Flávia Maria Cunha. O perturbamento do familiar: uma proposta teórica para Arte/Educação baseada na comunidade. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001, disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf>

D’AMORIN, Eduardo; ATIL, José. **A Capoeira - Uma Escola de Educação**. Recife: Ed. Do Autor, 2007.

GIL, José. Abrir o Corpo. In: **Corpo, Arte e Clínica**, organizado por Tânia Mara Galli Fonseca e Selda Engelman. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Moura. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PRIORE, Mary Del. VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais – Uma Introdução a História da África Atlântica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: editora Senac, 2009.

SANTOS, Lau. **Um Griot e dois Orikis O Rei do Orocongo [livro 1]**. Florinópolis: FCC Edições, 2014.

SOUSA, Rosiete Costa. **Cuidado do Ser: “Desenvolver ao ser humano o corpo que lhe falta e a palavra perdida**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/cuidar-do-ser-039-039-devolver-ao-ser-humano-o-corpo-que-lhe-falta-e-a-palavra-perdida-039-039/20895/>.

Acesso em: 03/05/2015.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-056-8

